

Balazs e Katalin Holczer,
com o filho Bence.

Sobreviv

O reservatório industrial se rompeu e liberou uma onda imensa de lama tóxica que quase afogou uma mulher e o filho de 3 anos

POR ADAM LEBOR

A photograph of a woman with long dark hair pulled back, wearing a dark blue quilted jacket. She is smiling slightly and looking off-camera to the right. She is holding a baby who is wearing a blue and white striped knit hat and a red jacket. The background is a blurred outdoor setting with green foliage. The word "ventes" is overlaid in large white letters across the bottom half of the image, with a red horizontal bar behind the letters.

ventes

Katalin Holczer pegou o celular e ligou para o marido, Balazs, para a última despedida. Era hora do almoço de 4 de outubro de 2010, uma segunda-feira clara e ensolarada de outono.

Balazs era soldador e trabalhava numa garagem subterrânea de Viena, a 150 km dali. Katalin, dona de casa, cuidava dos dois filhos em Kolontár, aldeia tranquila no oeste da Hungria. Os Holczers eram uma família trabalhadora e respeitadora das leis. Orgulhavam-se de ter aberto o seu caminho no mundo. O próprio Balazs construía a casa, e eles não tinham dívidas.

Agora, Katalin achava que a vida feliz da família estava prestes a acabar. Disse a Balazs que ela e Bence, o filho de 3 anos, iam morrer, afogados numa torrente de lama tóxica vermelha.

A princípio, Balazs não entendeu o que a mulher dizia. Quando compreendeu e o temor pela família cresceu dentro dele, tentou controlar as emoções e se manter calmo.

“Eu disse a ela: feche a porta. Ela respondeu que não havia mais porta”, recorda ele. “Disse para entrar no carro e ir embora. Ela me disse que não

havia mais carro. Aí percebi que a situação era grave.”

Para os Holczers e os seus amigos e vizinhos, a vida nunca mais seria a mesma. A parede oeste do reservatório número 10 da refinaria pertencente à MAL, Companhia Húngara de Alumínio, na cidade vizinha de Ajka, 165 km a oeste de Budapeste, a capital, rachara, se rompera e desmoronara. Uma onda gigantesca de lama extremamente alcalina se espalhou pela região circundante.

Entre 600 mil e 700 mil metros cúbicos se derramaram, inundando grandes áreas de Kolontár e as cidades próximas de Devecser e Somlovasarhely. Oitocentos hectares foram cobertos, envenenando o solo, matando toda a vida do Torna, o riozinho que corta Kolontár, e poluindo o rio Marcal, afluente do Danúbio.

A força da inundação arrastou carros, inclusive o VW Golf dos Holczers (que depois foi encontrado num lago a 1,5 km dali), animais, móveis e eletrodomésticos. Onze pessoas morreram e mais de 150 foram hospitalizadas no maior desastre ambiental da história da Hungria, que levou essa bela região verdejante do país às telas de TV do mundo todo durante dias a fio.

Centenas de bombeiros, socorristas, soldados e policiais correram para a região. A água e a lama estavam com pH 13, tão alcalinas quanto desentupidor de ralos. Quando a enchente passou, Kolontár ficou parecida com as zonas de desastre do mundo em desenvolvimento, como



Um desastre tóxico: a lama vermelha, tão fortemente alcalina quanto desentupidor de ralos, invadiu Kolontár.



se um Deus zangado virasse um balde de efluente vermelho tóxico sobre a aldeia e as cercanias.

Apesar dos numerosos socorristas e veículos próximos, quando a inundação entrou na casa, Katalin e Bence ficaram presos, sozinhos e aterrorizados. O tranquilo riacho Torna se transformara numa forte torrente, transbordando das margens e levando embora uma ponte. Do outro lado do rio, onde antes ficava a ponte, estavam a polícia e os bombeiros. Katalin e Bence ficaram isolados.

No caos e na confusão daqueles poucos minutos importantíssimos depois que o reservatório rompeu-se, ninguém assumiu o comando nem deu ordens para resgatar os Holczers.

Katalin segurou Bence com força enquanto via a lama tóxica subir sem parar.

Os animais souberam antes. Na noite da véspera da catástrofe, os cães da aldeia latiram, uivaram e ficaram agi-

“Eu disse a ela: feche a porta. Ela respondeu que não havia mais porta.”

tadíssimos. Balazs conta que os animais dos Holczers, um *fox terrier* e um labrador, agiram estranhamente. O *fox terrier*, que adorava perambular pela aldeia, ficou no quintal, correndo agitado de um lado para outro. O labrador, que raramente saía à noite, sumiu por uma hora. Quando voltou,

estava coberto com uma estranha lama cinzenta.

“Ouvimos os cães”, diz Balazs. “Ficamos zangados com eles, mas tenho absoluta certeza de que tentavam nos dizer alguma coisa. Sabiam que algo ia acontecer.” E estavam certos.

Aquela manhã começou como todas as outras. Balazs acordou cedo a fim de pegar o carro e ir para Viena trabalhar. Szabolcs, 9 anos, o filho mais velho, foi para a escola em Devecser, a uma curta viagem dali. Katalin passou a manhã com Bence, fez compras na mercearia local e preparou panquecas para o almoço.

Bence brincava no quintal. O quintal se abria para o campo, mas o menino sabia que tinha de ficar perto de casa. Então, pouco depois do meio-

dia, Katalin olhou pela janela e viu que havia algo muito errado. “O campo estava com uma cor estranha, um rosado cinzento. Não parecia normal. Então, vi uma árvore passar flutuando”, recorda. Nisso, por sorte, Bence já estava dentro de casa.

Então, de repente as luzes se apagaram. Katalin percebeu que era uma queda de energia e rapidamente fechou o gás. Saiu no terraço para ver o que estava acontecendo.

Foi então que a enchente chegou.

“Quando olhei para fora, já estava quase no nível do terraço. Chegou à vala junto ao quintal, que tem 50 metros de comprimento, e o encheu em segundos. A água tinha dois metros de altura e entrou pela sala. Eu não sabia para onde ir.”



Um feliz reencontro: a família Holczer ladeada pelos salvadores Gyula Németh (à esquerda) e Sándor Mádl.

Katalin tentou manter a calma e pensar no que fazer. Correu para o quarto com Bence. Mas a torrente arrebentou a porta da frente da casa e, em segundos, chegou ao nível da maçaneta da porta interna. Katalin e Bence pularam na cama, que não serviu de refúgio. Enquanto a água entrava, os armários começaram a cair em volta deles, abrindo-se e largando o conteúdo na lama.

O quarto não era mais seguro, e Katalin levou Bence para a antessala. “Simplesmente pulei no lamaçal. A sala já estava arruinada, e as poltroninhas flutuavam na lama.”

Desesperada, Katalin procurou algum lugar seguro para Bence, que agora chorava de medo, mas a mobília estava um caos. Enquanto a água subia sem parar, ela tentou empilhar os móveis. Acabou conseguindo. Encontrou um lugar seguro para si e para o filho e telefonou para o marido.

Em Viena, Balazs ficou nervosíssimo. A mulher acabara de lhe contar que achava que ela e o filho iam morrer. Ele estava a duas horas de lá e não podia fazer nada. Ligou para o pai, que já se encontrava na ponte, mas do outro lado, e que disse a Balazs estar disposto a atravessar a torrente, mas que os socorristas não o deixavam passar. Balazs percebeu que havia mais uma possibilidade. Ligou para os amigos Gyula Németh e Sándor Mádli.

Em Kolontár, empoleirada em cima dos armários em casa, Katalin se concentrou num ponto fixo na parede.

“Fiquei olhando para ver se o nível da inundação continuava subindo. Depois de alguns minutos, vi que não. Então achei que, afinal de contas, não nos afogaríamos.”

“Senti as pernas queimarem, e fiquei com a roupa de baixo.”

A casa dos Holczers ficava 1,38 m acima do solo, o que provavelmente salvou a vida dos dois. Mas Katalin e Bence não estavam fora de perigo. A pele das pernas dela já ardia por ter andado na lama, que respingara em suas roupas e nas de Bence. A lama também soltava vapores nocivos, que Katalin e o filho, confinados num lugar fechado, respiravam.

“Tirei a roupa porque senti que minhas pernas ardiam. Fiquei só com a roupa de baixo e também despi Bence. Vi que dois cobertores ainda estavam limpos e nos enrolamos neles.” Katalin e Bence ficaram sentados no alto dos móveis, esperando o resgate.

Quando Gyula Németh viu que o amigo Balazs telefonava, atendeu imediatamente. Ele e Sándor estavam na vizinha Devecser. Gyula era pintor, e Sándor, mecânico de bicicletas. Estavam saindo para o almoço.

“Balazs chorava quando me telefonou. Pedi que eu ajudasse Kati, mas não entendi por quê”, recorda Gyula. “Naquele momento, a lama não chegara a Devecser, e não sabíamos nada a respeito.” Quando Balazs explicou

que Katalin e Bence estavam presos dentro de casa, com a vida em risco, os amigos não hesitaram um segundo. Partiram imediatamente para Kolontár. Numa situação normal, o percurso de quatro quilômetros duraria uns dez minutos, mas aquela situação não tinha nada de normal.

“Parecia que a estrada se movia debaixo dos nossos pés.”

Gyula e Sándor pegaram a estrada principal, mas quase na mesma hora foram mandados de volta pela polícia. No entanto, por morarem no local, eles conheciam outros caminhos, e partiram pelos morros numa estradinha pouco usada. Lá também a polícia os deteve. Kolontár estava isolada, explicaram os policiais; aquele caminho não levava a lugar nenhum.

Gyula e Sándor sabiam que não era assim. Havia sempre um jeito de passar. “Dissemos a eles que estavam errados e que esse era o único jeito de chegar à parte da aldeia do outro lado da ponte”, recorda Gyula. Os policiais deram de ombros e os deixaram passar.

Alguns minutos depois, estavam em Kolontár. Nessa hora, a onda maior já passara pela aldeia. Havia carros empilhados. As casas tinham marcas vermelhas da inundação. Animais mortos jaziam ao lado da estrada. O Torna, riacho pitoresco que conheciam tão bem, era agora um dilúvio de lama vermelha.

Do outro lado da torrente, os socorristas gritaram para os dois homens não avançarem porque era perigoso. Gyula e Sándor não lhes deram atenção.

“Saímos do carro e vadeamos pela lama, que chegava até o alto das pernas. Ainda podíamos sentir a força da água, tão forte que parecia que a estrada se movia debaixo dos nossos pés. Começamos a gritar: ‘Kati! Kati!’”

Dentro da casa, Kati sentiu um alívio indescritível.

“Eu disse a Bence: ‘Eles chegaram. Estamos salvos.’ Soube então que seríamos resgatados.”

Gyula e Sándor andaram pela lama até a casa e viram Kati e Bence sentados em cima da pilha de móveis, enrolados em cobertores. Katalin lhes pediu que procurassem roupas e eles conseguiram encontrar um casaco.

Sándor e Gyula levaram mãe e filho diretamente para o hospital local da vizinha Ajka, cidade onde ficava a refinaria de alumínio. A equipe se mostrou estranhamente antipática, diz Katalin. A principal preocupação deles era que Katalin lhes mostrasse o cartão do plano de saúde.

Quando ela explicou que o cartão sumira numa inundação de lama vermelha tóxica que quase a matara, pouco fizeram para tratá-la. Para lavar a lama, Katalin e Bence foram para o apartamento da avó dela, em Ajka.

À tarde, Balazs chegou de Viena e se encheu de emoção ao ver a família. Mas à noite ficou claro que Katalin e Bence precisavam de cuidados médicos urgentes. A dor da pele quei-

mada de Katalin piorava. Um gosto estranho lhe enchia a boca. Ela não conseguia respirar direito e tinha a sensação de que ia sufocar.

Todos foram para o hospital de Veszprém, outra cidade próxima, e finalmente receberam cuidados adequados. Uma equipe de especialistas examinou Katalin e Bence, que passaram a noite internados porque o pulmão do menino corria o risco de se fechar.

Até hoje Balazs está revoltado e incrédulo por terem sido os seus amigos que tiveram de salvar sua mulher e o filho pequeno. Dezenas de socorristas, bombeiros e policiais foram mandados para a aldeia depois da inundação, mas nenhum teve coragem nem iniciativa de atravessar o rio.

“Gastamos bilhões com o corpo de bombeiros e com a polícia”, diz Balazs. “Não sou policial porque não quero me arriscar a levar um tiro. Mas quem aceita esse tipo de emprego tem de correr riscos. É o dever deles. Se Sándor e Gyula sabiam como entrar na aldeia, eles também deveriam saber. Em vez disso, só ficaram lá reunidos do outro lado do rio, olhando a ponte que tinha sido levada. Deviam ter pulado n’água.”

Quando Sándor e Gyula entraram na casa para salvar Katalin e Bence, nem pensaram no perigo.

Mas tanto Katalin quanto os seus salvadores sofreram queimaduras graves por causa da lama. O álcali tóxico lhes corroeu a pele. As fotografias dos pés e das pernas mostram a pele vermelha e inflamada, marcada



Um rio vermelho: a fotografia aérea mostra o caminho da lama que vazou da usina de alumínio e passou por aldeias ao longo do Torna.

por bolhas e descascamento, parecida com a das vítimas de armas químicas. Levaram semanas para se recuperar.

O efeito psicológico provavelmente durará mais tempo ainda. Katalin e Balazs não querem voltar a Kolontár. Balazs retornou para recuperar o que ainda houvesse de valor na casa: encontrou 50 mil florins (425 reais) sujos de lama. As notas tiveram de ser trocadas no banco. Não tinham mais valor legal porque a lama corroera a tira metálica. As fotografias e outras recordações familiares de valor emocional sumiram ou foram destruídas na enchente. Os dois cães da família morreram.

“Não me importo com os objetos de valor que perdemos, mas todas as nossas lembranças se foram com

as fotos dos nossos filhos quando bebês.”

Como muitas vítimas da enchente, Balazs está irritado com a indenização reduzida oferecida inicialmente pela MAL, a empresa produtora de alumínio: 100 mil florins (850 reais) por família. A decisão causou uma grita nacional, principalmente porque os seus diretores estão entre os empresários mais ricos do país. Arpad Bakonyi, fundador da MAL, é a 28ª pessoa mais rica da Hungria, com um patrimônio líquido de 16,5 bilhões de florins (mais de 140 milhões de reais), de acordo com uma lista compilada em 2010 pelo jornal de economia *Napi Gazdaság*.

“Chamo isso de ‘cala-boca’”, diz Balazs. “Quando fomos buscar o dinhei-

DEPOIS DA ENCHENTE, AS PERGUNTAS

O que é a lama vermelha? A lama vermelha é um resíduo da produção de alumínio. A cor vem do nível elevado de óxido de ferro. É tóxica, altamente alcalina e contém metais pesados. Seu pH elevado provoca queimaduras.

Quem foi o responsável? O reservatório pertence à MAL Zrt, Companhia Húngara de Alumínio. A companhia afirmou que funcionava dentro da lei e não podia prever o desastre. Três diretores da empresa foram presos. A

companhia está sob controle estatal.

Como impedir novos desastres? Os socorristas e engenheiros construíram uma represa de emergência com 670 metros de comprimento e 2,5 metros de altura na usina em Ajka, para proteger Kolontár e região. Os reservatórios restantes foram verificados e reforçados.

Quais os efeitos mais duradouros? As autoridades jogaram toneladas de ácido acético e gesso nas hidrovias para neutralizar

a alcalinidade e impedir que a poluição chegasse ao Danúbio. Milhares de toneladas de solo foram removidas. As autoridades dizem que a água potável é segura. Os especialistas em toxicologia dizem que ainda é cedo para saber se existem riscos para a saúde a longo prazo.

Pode acontecer de novo?

Pode. A Comissão Internacional de Proteção do Rio Danúbio identifica 97 locais contaminados perto do rio, sendo 32 na Hungria.

ro na prefeitura, eu conhecia a moça que o estava distribuindo. Ela não tinha culpa, mas deu vontade de jogar aquilo na cara dela. Se eu estivesse numa situação melhor, nunca teria aceitado. Foi um insulto.”

A MAL já aumentou a oferta de indenização para 1,5 bilhão de florins durante cinco anos. O governo húngaro solicitou mais 55 bilhões de florins. Mais da metade dos moradores de Kolontár voltou para casa. Muitos, como Gyula Németh, que, com Sándor Mádl, salvou Katalin e Bence, moram na parte alta da aldeia, não afetada pela lama.

Os Holczers nunca mais voltarão – sua casa foi demolida. Agora aquela vida acabou para sempre, e Balazs e Katalin afirmam que não têm vontade de voltar. Quando dorme, Ben-

ce ainda chora e tem pesadelos com a enchente.

Hoje, os Holczers moram numa pequena aldeia perto da fronteira austríaca, onde o conselho local lhes conseguiu uma casa sem cobrar alu-

**Havia carros empilhados.
Animais mortos
jaziam na estrada.**

guel. Eles esperam construir um novo lar com ajuda financeira do governo.

“Tínhamos uma vida decente”, diz Balazs. “Pagávamos as contas. Não havia nem hipoteca. Não tínhamos problemas financeiros. Ninguém tem de sentir pena de nós. Basta me pagar o preço da nossa casa e eu mesmo construirei outra.”

BONS MENINOS

Como bom tenista, papai ficou bastante satisfeito quando minha irmã matriculou o filho de 10 anos nas aulas de tênis. As esperanças se esvaíram quando perguntou a Alex como estava indo nos treinos.

– Ótimo! – respondeu Alex cheio de entusiasmo. – Jogo a bola fora da quadra mais longe do que qualquer aluno.

Lynene Leighton

A caminho da loja de ferragens, meu marido e eu vimos a bicicleta de nosso filho de 15 anos parada em frente à farmácia, sem tranca. Ficamos muito aborrecidos, pois naquele ano tinham-lhe roubado outras duas bicicletas. Resolvendo endurecer, pusemos a bicicleta na traseira do carro e continuamos nossas compras. Várias horas depois voltamos para casa. Nossa filha de 17 anos recebeu-nos à porta com uma expressão pálida.

– Mamãe, papai, a polícia esteve aqui enquanto estavam fora – contou. – Alguém ligou dando o número da placa do seu carro por terem roubado uma bicicleta do estacionamento da farmácia.

Barbara Lynn Barker